

“TALVEZ A AUTODESTRUÇÃO SEJA A RESPOSTA”: CRISE UTÓPICA E FIM DO SÉCULO EM *CLUBE DA LUTA*, DE CHUCK PALAHNIUK

Marina Pereira Penteadó
Orientadora: Sonia Regina Aguiar Torres da Cruz
Doutoranda

RESUMO

O presente trabalho busca examinar, através da leitura do romance *Clube da Luta*, de Chuck Palahniuk, como o período do final do século XX, mais especificamente a década de 1990, lida com a questão de possibilidades utópicas. Em um momento histórico de relativa estabilidade para os estadunidenses, marcado pelo final da Guerra Fria e antes do 11 de setembro, o romance de Palahniuk explora a nostalgia característica da época, que anseia por um tempo em que tudo parecia fazer mais sentido. Depois de décadas de crítica ao ideal de sonho americano, nos anos de 1990 de Palahniuk, as ideias de família nuclear, liberdade e possibilidade para todos parecem ter sido devastados e a possível salvação, para as personagens que não se encaixam nos padrões e nas expectativas da sociedade estadunidense, surge com a vontade de destruição. Tomando como referência estudos sobre a sociedade e a literatura norte-americana, proponho um debate a respeito de como o romance de Palahniuk sugere a necessidade de mudanças através de uma narrativa que trata do esgotamento das possibilidades de transgressão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura norte-americana; possibilidade utópica; fim do século XX.

Este trabalho é parte da minha tese de doutorado que propõe uma investigação a respeito de como o ideal de sonho americano é percebido na década de 1990 através de narrativas estadunidenses que problematizam tal temática. Para tanto, a pesquisa será realizada por meio da leitura comparativa de três romances que serão examinados com base em teorias que discutem o sonho americano e a literatura produzida nos Estados Unidos, bem como textos que analisam o período escolhido para estudo, com o propósito de levar em consideração as mudanças que ocorreram na última década do século XX e de que forma elas influenciaram acriticamente a esse ideal no momento histórico em destaque.

A expressão sonho americano foi utilizada pela primeira vez por James Truslow Adams, em *The Epic of America*, em 1931, e é descrito como sendo:

[...]that dream of a land in which life should be better and richer and fuller for everyone, with opportunity for each according to ability or achievement. [...] It is not a dream of motor cars and high wages merely, but a dream of social order in which each man and each woman shall be able to attain to the fullest stature of which they are innately capable, and be recognized by others for what they are, regardless of the fortuitous circumstances of birth or position.¹

A ideia de que qualquer um é capaz de alcançar a prosperidade já está na Declaração de Independência dos Estados Unidos, na qual Thomas Jefferson proclama os direitos à vida, liberdade e busca pela felicidade². Contudo, é ainda com os puritanos, no processo de colonização do país, que se tem a origem desse pensamento que está na matriz do que ficará conhecido como sonho americano. Desde a defesa de que a comunidade recém-descoberta deveria ser como *a city upon a hill*, no texto de 1630 de John Winthrop, “A Model of Christian Charity”, a ideia de excepcionalismo se encontra presente, sendo reformulada e adaptada ao longo dos séculos a fim de sobreviver às ameaças de desconstrução e subversão que surgem pelo caminho.

Ao longo da literatura, tal tendência de subversão surge com força no início do século XX com romances como *O grande Gatsby* (1925), de F. Scott Fitzgerald, e permeia a literatura estadunidense das décadas seguintes. Nos anos de 1990, período de relativa estabilidade no país e marcado pela falta de inimigos bem definidos, o assunto retorna em meio a discussões sobre fim da história (cf. FUKUYAMA, 1992) e de

¹ Cf. LIBRARY OF CONGRESS. *What is the American Dream?*. Disponível em: <www.libraryofcongress.com> Acesso em: 13 set. 2015.

² Cf. Jefferson. “*We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty and the pursuit of Happiness*”. Disponível em: <http://www.archives.gov/exhibits/charters/declaration_transcript.html> Acesso em: 13 set. 2015.

argumentos que defendem a dificuldade de perceber o tempo como uma continuidade na sociedade contemporânea (cf. JAMESON, 1996). De maneira a entender a crise utópica que surge na década em destaque, um dos romances escolhidos para compor o *corpus* da pesquisa é *Clube da Luta* (1996), de Chuck Palahniuk, que será aqui analisado sob a perspectiva de como as possibilidades utópicas são limitadas frente a uma realidade um tanto quanto distópica.

Ao mapear certa tendência à apatia e ao derrotismo nos anos de 1990, devido, em grande medida, ao fracasso dos estados, à evidente aceleração na destruição do meio ambiente e ao surgimento da AIDS – entre outros eventos que assombravam o final do século –, Russell Jacoby, em *O fim da utopia*, observa que surge um novo consenso nesse momento histórico, o de que “não há alternativas”. Para ele, “é esta a sabedoria do nosso tempo, uma era de exaustão e recuo políticos” (JACOBY, 2001, p. 12). Frente a esse sentimento, não é de se surpreender com a elevação do número de narrativas sobre “fim”, seja de ideologias, de um sistema, da História ou mesmo do próprio mundo. Não que esse tipo de narrativa apareça como exclusividade da década, como o próprio Jacoby afirma³, entretanto, é notável a retomada de tal tendência.

Seja em diálogo com a constatação de que a sociedade de consumo aniquilou as relações com qualquer realidade, transformando as experiências em simulacros e sendo responsável pela alteração na forma de ver a própria história, e, por consequência, na maneira de perceber o próprio tempo e o espaço no qual se vive⁴, seja pela vitória da democracia liberal, como proclamada por Fukuyama, em um dos textos mais criticados do final do século XX⁵, legitimando a impossibilidade de imaginar uma maneira de ir além do que o sistema atual proporciona, *Clube da Luta* incorpora a ideia de exaustão de alternativas tão comum da década. O romance de Palahniuk narra a história de um jovem funcionário sem nome que sofre de insônia e descobre que sua frustração não pode ser controlada através do consumo desenfreado de bens dos quais ele não precisa e que são vistos como essenciais para a sociedade. Após receber o conselho do seu médico de que se ele quisesse saber o que era sofrimento deveria comparecer às

³ Cf. Jacoby, 2001: “A expressão ‘fim das ideologias’ pode ter sido empregada pela primeira vez pelo ensaísta e romancista francês Albert Camus. Num artigo escrito em 1946 para o jornal *Combat*, que editara durante a Resistência, Camus criticava recentes tentativas dos socialistas franceses de reconciliar marxismo e ética” (p. 17 – 18).

⁴ Da forma como desenvolvida por teóricos como Jean Baudrillard, Fredric Jameson e David Harvey.

⁵ Cf. “Por diferentes razões, liberais, conservadores, social-democratas e comunistas expressaram todos sua incredulidade ou aversão para com os argumentos de Fukuyama” (PERRY, 1996, p. 13-14).

reuniões de grupos de ajuda para doenças sérias – como câncer de bexiga, parasitas no sangue ou demência cerebral orgânica –, o narrador começa a frequentar tais grupos fingindo estar doente até ser confrontado por Marla Singer, que o expõe como impostor. Como consequência, a insônia do narrador retorna, sendo amenizada somente a partir do momento que Tyler Durden aparece na história e cria, junto com o protagonista, um grupo de apoio para pessoas que sentem a mesma espécie de vazio: o clube da luta.

O romance sugere um caminho alternativo ao notar que um estilo de vida que prioriza o trabalho com a finalidade de comprar (casas, objetos, etc) em detrimento dos relacionamentos e dos afetos não pode ser satisfatório. Conforme o próprio Palahniuk afirma no livro *Mais estranho que a ficção*, os seus romances “tratam de pessoas solitárias que buscam alguma forma de se conectar aos demais” (PALAHNIUK, 2011, p. 9). O sonho americano, por sua vez, busca o oposto. No sonho, não está intrincado o senso de comunidade, mas sim o seu contrário. É a busca por “algum ninho isolado e adorável para onde você possa convidar apenas a ralé que lhe agrada. Um ambiente que você possa controlar, livre de conflitos e de sofrimento. Um lugar que você governa” (PALAHNIUK, 2011, p. 9). Em *Clube da Luta*, a busca é pelo coletivo, somente ele poderá causar a desordem desejada, e essa desordem só será alcançada após a destruição do que já existe.

No clube, o protagonista descobre que não precisa do seu apartamento impecavelmente decorado, muito pelo contrário, ele percebe que, para transcender, é necessário abandonar tudo que acredita ser necessário para a sobrevivência. Sua geração foi levada a acreditar que tinha potencial para ser especial, mas como Tyler, que vamos descobrir ao longo da narrativa ser o duplo do protagonista sem nome, faz questão de lembrar a todos, eles não são nada especiais, muito menos únicos ou destinados a algum futuro grandioso: “Somos os filhos do meio da história, criados pela televisão para acreditar que algum dia seremos milionários, astros de filme ou da música, mas não seremos. E estamos entendendo isso agora [...] Então não venham foder com a gente” (PALAHNIUK, 2012, p. 206).

A comparação que o narrador faz do tempo no qual eles vivem com a posição de filho do meio da história é repetida ao longo do romance ao lado de “somos os filhos do meio de Deus” (PALAHNIUK, 2012, p. 176) para indicar um dos prováveis motivos da última década do século XX se sentir esquecida. Perto dos períodos anteriores de longas guerras, crises e movimentos de contracultura, os anos de 1990 parecem pouco

interessantes. Embora tenham presenciado a Guerra do Golfo, os Estados Unidos não viveram um conflito longo e ameaçador como o da Guerra Fria. A guerra de curta duração que ocorreu em solo estrangeiro e a primeira guerra transmitida ao vivo para o mundo assinala um período de espetáculos, como já havia previsto Guy Debord no final dos anos 1960 no livro *A sociedade do espetáculo*, tornando-a uma ameaça menos impactante do que a guerra que a antecederam, tendo em vista seu caráter espetacular e, por conseguinte, anestesiante.

No final do século, além da falta de inimigos bem delimitados para tomar conta do imaginário da população, a política parece apagada e o escândalo que marca o período não é mais um Watergate, mas o escândalo sexual envolvendo o então presidente Bill Clinton e a estagiária Monica Lewinsky. Em êxtase com a corrupção moral na Casa Branca, poucos são os que analisaram o poder retórico empregado pelo governo Clinton na sua política internacional, que após um longo período em que o inimigo era apenas um, se vê diante de um cenário mais complexo e transnacional⁶. Ao contrário do que seria esperado de um governo democrata, a era Clinton ainda foi marcada por um governo centrista, responsável por inúmeras intervenções que abrangeram países como Somália, Iraque, Haiti, entre outros⁷, sendo considerado um dos momentos com o maior número de conflitos do século. Contudo, a ameaça de *impeachment* de Clinton nada tem a ver com isso ou com as políticas públicas da sua gestão, mas sim com seu caso extraconjugal.

O romance de Palahniuk capta bem a aura dessa década, com personagens que, embora tentem subverter a ordem ao fugir do individual com clube, ainda não conseguem pensar em termos de coletivo, uma vez que estão preocupados demais com seus próprios problemas. Os integrantes do grupo de apoio para câncer de testículos são um exemplo: todos estão tão absorvidos pelas suas próprias doenças que ignoram a presença de Marla, que obviamente não tem câncer, uma vez que nem testículos ela tem. O falta de interesse no que foge aos problemas privados de cada um retorna no final do romance, quando Marla e o protagonista discutem na frente de todo um dos grupos de ajuda e o narrador observa: “Todos na sala parecem ter sido despertados de suas pequenas tragédias. Aquela coisinha deles chamada câncer. Até mesmo as pessoas

⁶ Cf. Edwards, 2008: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/264/196>> Acesso em: 10 jan. 2015.

⁷ Cf. New York Times, 1999: <<http://partners.nytimes.com/library/world/europe/032899kosovo-command-text.html>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

entupidas de remédio para dor estão com olhos arregalados e alertas” (PALAHNIUK, 2012, p. 244). A atenção é subitamente voltada para Marla e o protagonista, contudo, o que desperta a atenção não é o fato de o protagonista estar sendo acusado de matar um homem, ou dele ter um plano ameaçador que se chama “Projeto Desordem e Destruição”. Ninguém está interessado em chamar a polícia ou interrogá-lo, muito pelo contrário, quando o casal ameaça ir embora, eles imploram “Fiquem! O que mais rolou?” (PALAHNIUK, 2012, p. 244), curiosos para saberem o desdobramento da briga do casal.

Tyler não busca somente desestabilizar o sistema, já que não é novidade que a ideia de que qualquer um pode ser bem sucedido é falha, o que ele faz é mostrar aos perdedores que eles podem pelo menos devolver algo para a sociedade que os oprime diariamente. Para essas pessoas, para quem sobrou apenas "a merda e o lixo do mundo" (PALAHNIUK, 2012, p. 205), a violência parece a forma mais eficaz de sobrevivência, tendo vista que eles não têm nada a perder. É com essa filosofia que ele recruta jovens para o seu projeto exclamando a máxima: “o primeiro passo para a vida eterna é que você tem que morrer” (PALAHNIUK, 2012, p. 9). Perceber que não se tem nada a perder é uma forma de liberdade e, para o duplo do protagonista, essa liberdade só pode surgir a partir da destruição. Uma vez evidente que eles não são nem nunca serão excepcionais, Tyler chega a conclusão que uma forma de lidar com isso é se afastar do auto aperfeiçoamento e correr “em direção ao desastre” (PALAHNIUK, 2012, p. 83) para tentar pelo menos entrar para a história e acabar com essa realidade um tanto quanto distópica.

Perder todas as esperanças não é fácil, mas o romance indica que somente através desse exercício é possível perder o medo e mudar o mundo. Embora não exista mais a ameaça dos comunistas e a presença iminente da bomba nuclear tenha se dispersado, a vida no final do século dos Estados Unidos é marcada pelo medo. Berry Glassner, em *The Culture of Fear: why Americans are afraid of the wrong things*, avisa: quanto mais as coisas melhoram, mais pessimistas as pessoas se tornam⁸. As ameaças que tomam conta do período são da ordem do insondável, e na falta de inimigos definidos a quem temer, a população teme as taxas de crimes (que são menores que nas décadas anteriores), doenças fatais, adversidades climáticas e o que mais surgir no

⁸Cf. Glassner, 2009: “The more things improve the more pessimistic we become” (Edição Kindle, Posição 282)

caminho, e, como Frank Furedi observa em uma análise desse período, na busca pelo medo, a população inventa ameaças como o bug do milênio que, para ele, “foi o produto da imaginação humana que simbolizou a formidável capacidade da sociedade de assustar a si mesma”⁹ (FUREDI, 2002, p. xiii). *Clube da Luta* corre na direção contrária dessa tendência.

Tyler não tem medo de nada, uma vez que, assim como seus recrutas, ele foi aniquilado pelo sistema vezes suficientes para não ter nada a perder. Contudo, a narrativa se torna irônica quando, na tentativa de desestabilizar os ideais da sociedade estadunidense, ele se torna o que tenta destruir. A capacidade do capitalismo tardio de absorver qualquer manifestação contra o sistema e torna-la parte integrante do mesmo toma conta da narrativa, e a personagem que queria mostrar que os indivíduos não eram “flocos de neve únicos” (PALAHNIUK, 2012, p.) se torna especial. No momento em que o clube da luta alcança boa parte das cidades dos Estados Unidos, Tyler vira uma celebridade, sendo tratado com privilégios de milionários e famosos, reforçando o sonho americano tão questionado. É no momento em que o protagonista nota a repercussão do clube e de Tyler que ele decide acabar com a própria vida, na tentativa de destruir seu duplo e acabar com a contradição criada.

Entretanto, o protagonista falha e acorda um tempo depois em um hospital, onde está cercado por homens que o reconhecem e dizem que o projeto continua. Tyler também não é bem sucedido na tentativa de explodir um dos prédios mais altos da cidade, que se encontrava perto do Museu Nacional (símbolo da história que eles almejavam destruir). Assim, o romance termina retomando o epíteto de “não há alternativas”. Como a narrativa de Palahniuk aponta:

Há uma categoria de homens e mulheres jovens e fortes que querem dar a própria vida por algo. A propaganda faz essas pessoas irem atrás de carros e roupas de que elas não precisam. Gerações têm trabalhado em empregos que odeiam para poder comprar coisas de que realmente não precisam. – Não temos uma grande guerra em nossa geração ou uma grande depressão, mas na verdade temos, sim, é uma grande guerra de espírito. Temos uma grande revolução contra a cultura. A grande depressão é a nossa vida. Temos uma depressão espiritual (PALAHNIUK, 2012, p. 186).

Clube da Luta capta a atmosfera pessimista da década de 1990, na qual não existe mais uma grande guerra à qual temer ou uma grande depressão econômica com a qual é preciso lidar. Nessa década, a grande depressão é a própria vida, como Palahniuk

⁹Cf. Furedi, 2002: “The millennium bug was the product of human imagination that symbolized society’s formidable capacity to scare itself” (p. xiii)

afirma, que insiste em apontar para a ausência de alternativas de subversão. Sendo assim, o que resta para essas personagens que já entenderam que não são especiais e únicas é perder o medo de tudo e se entregar à violência da autodestruição. É a devastação que traz a possibilidade de encontrar respostas. O único problema é que nesse fim de século marcado pela falta de imaginação histórica, a autodestruição ainda não parece ter sido a solução, talvez na próxima década tal ideia possa ser aprimorada.

REFERÊNCIAS

EDWARDS, Jason A. “Defining the Enemy for the Post-Cold World: Bill Clinton’s Foreign Policy Discourse in Somalia and Haiti”. *International Journal of Communication* 2 (2008), p. 830-847. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/264/196>> Acesso em: 10 set. 2015.

FUKUYAMA, Francis. *The End Of History and the Last Man*. New York: The Free Press, 1992.

FUREDÍ, Frank. *The Culture of Fear: Risk-taking and the Morality of Low Expectation*. New York: Continuum, 2002.

GLASSNER, Barry. *The Culture of Fear: Why Americans Are Afraid of the Wrong Things: Crime, Drugs, Minorities, Teen Moms, Killer Kids, Mutant Microbes, Plane Crashes, Road Rage, & So Much More*. New York: Basic Books, 2009. Edição Kindle.

JACOBY, Russel. *O fim da utopia*. São Paulo: Record, 2001.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

JEFFERSON, Thomas. *Declaration of Independence*. Disponível em: <http://www.archives.gov/exhibits/charters/declaration_transcript.html> Acesso em : 13 set. 2015.

LIBRARY OF CONGRESS. *What is the American Dream?*. Disponível em: <www.libraryofcongress.com> Acesso em: 13 set. 2015.

THE NEW YORK TIMES. Keeping Track: Clinton’s Interventions. Disponível em: <<http://partners.nytimes.com/library/world/europe/032899kosovo-command-text.html>>. Acesso em: 10 set. 2015.

PALAHNIUK, Chuck. *Clube da Luta*. São Paulo: LeYa, 2012.